

A paleta e o mundo de Mário Dionísio

O livro do sr. Mário Dionísio, examinado à luz de princípios puramente científicos, ou melhor, de conceitos menos impregnados de tendências particulares e facciosas, como as que são utilizadas geralmente em matéria de pintura e outras matérias, conduz a resultados que fazem pensar; no quadro das atribuições humanas em pleno século XX, ainda é comum considerar-se desprezíveis e até mesmo irrisórios certos atributos como o político e o moral, para a valorização ou o julgamento das obras de arte, emprestando-se a esses atributos significado corriqueiro e primário. Significado que reduz qualquer especulação deontológica à moral de sacristia, e toda atividade social e política a uma operação de cabo eleitoral. A ignorância a respeito do que sejam moral e política como ciências é de pasmar. O sentido mal compreendido da liberdade, a licença e a indisciplina criaram um clima geral de irresponsabilidade que está nos dias de hoje atingindo os limites do cinismo e da chantagem. O estudo da História da Arte e de outras Histórias vem sendo orientado por esquemas e padrões visando fins determinados, procurando atingir valores já prejulgados; daí a raridade na História, sobretudo na História da Arte, de certas linhas de exame e investigação que descubram ou revelem reações de fenômenos escondidos ou dissimulados, ou perdidos, na massa total dos eventos.

O sr. Mário Dionísio examina entretanto em seu livro *A Paleta e o Mundo*, examina-os historicamente, vários fenômenos artísticos, obedecendo precisamente a uma dessas linhas, a da apreciação social-realista, linha que se exprime por um conjunto de atributos do qual não estão excluídos o político e o moral, linha que, em virtude da complexidade do espaço em que se define, preferimos chamar de *variedade*. Dessa variedade, portanto, social-realista, o autor nos dá uma imagem bastante precisa, seguindo todas as perturbações do seu desenvolvimento.

São valiosas as considerações que ele faz, desse ponto de vista social-realista, sobre a obra de Watteau, de Ingres, de David, de Millet, de Chardin, e de Daumier. Valiosa é a sua análise, certa e segura, do realismo de Courbet, de Goya e Manet, assim como a sua interpretação do impressionismo. Disse, por exemplo, de Watteau que os “seus figurinos tinham gente dentro e, quantas vezes, outra gente”, e que a “suposta evasão, do pintor, a sua gratuidade, a sua cética e cega colaboração com o mundo agonizante foi desmentida pelo realismo de um dos seus quadros mais célebres: *A Loja de Gersaint*. A análise da obra de Watteau, em relação com as de Boucher e Fragonard, dentro do quadro social da época e desenvolvida com argúcia, habilidade e exatidão. A mesma argúcia e habilidade com que discute e justifica a crítica de Diderot, principalmente quanto ao seu entusiasmo por Greuze e Chardin, desse mesmo Chardin que, aliás, visto por outro prisma, é considerado por Wilensky um precursor de Cézanne.

Comparando o quadro de David: *O Rapto das Sabinas*, pintado em 1799, com o desenho preparatório para o mesmo, que é de 1794, o autor de *A Paleta e o Mundo* desenvolve uma série de relações históricas e ideológicas; chama a atenção “para a diferença de caráter que separa as figuras do desenho das do quadro, e na diferença geral do ambiente que, realmente movimentado e dramático, no desenho, se transforma em pura pose teatral na obra acabada”. Era o neo-classicismo de David surgindo do cartão inicial onde se insinuava o realismo, era a força interior da realidade amaneirada, afeiçoada, composta numa última instância em forma convencional, mas ao mesmo tempo fazendo transparecer pelos interstícios, pelas fendas deixadas, a sua razão e expressão originárias; descobre-se assim em David um realismo implícito e interior, cuja existência a obra de Mário Dionísio consegue demonstrar; essa demonstração, no entanto, é feita sem perder o valor descritivo, inteiro, da obra do pintor, pois

a linha realista, demarcadora apenas, serve de fronteira para indicar na sua plenitude toda a evolução estilística e ideológica do artista.

Análises semelhantes são copiosas no livro, onde essa linha separatriz segue o seu curso, ora isolada, ora ramificada, ora se apagando para aparecer novamente em outra época, ou ainda se revelando por processos diferentes de correspondência e ajustamento; o caso de Millet é elucidativo: o social realismo de Millet é destino e fatalismo. Se em Daumier havia uma consciência, e em Courbet uma convicção, o que havia em Millet era uma revelação. A sua pintura de camponeses e trabalhadores não tinha nada a ver com a nascente força reivindicadora dessas classes, era antes o reconhecimento e a aceitação dessa opressão, era uma espécie de louvor e de exaltação dos entes modestos, humildes e resignados. O social-realismo tem, portanto, em Millet, uma versão oposta à evolução política dos trabalhadores e se fechava num conformismo inerte e passivo. O livro de Mário Dionísio fixa e justifica de maneira insofismável essa debilidade de sentimento do pintor, essa alheada posição de simples espectador, de mero descobridor de motivo a ser tratado esteticamente sem mais conseqüências: “O Mundo pesou na sua paleta muito mais do que supôs e desejaria este contemplador da dor humana, *sub specie aeterni*. Por um lado: ele introduziu com Daumier, apesar de todas as suas profundas diferenças, o trabalhador na pintura, na mesma época em que esse trabalhador surgia na cena política com os seus primeiros assomos de atuação independente. Por outro lado: ele acorre ao imperioso chamamento da miragem do campo...” A correspondência em Millet e a voluntariosa atitude de Courbet assiste-se assim fluir no livro do sr. Mário Dionísio a linha social-realista, linha, variedade, do espaço complexo, dos acontecimentos histórico-artísticos.

Quando forem instauradas na História da Arte, de modo regular e sistemático, a análise e a crítica relativistas, isto é, quando forem examinadas todas as variedades do espaço histórico-artístico, Mário Dionísio contribuirá com os resultados obtidos na variedade que estudou sábia e detalhadamente.

1957